

A transfiguração do feminino na literatura brasileira: uma análise sobre a figura da Maria Moura (1992) como símbolo de resistência e subversão aos papéis de gênero

La transfiguración de lo femenino en la literatura brasileña: análisis de la figura de Maria Moura (1992) como símbolo de resistencia y subversión de los roles de género

The transfiguration of the feminine in Brazilian literature: an analysis of the figure of Maria Moura (1992) as a symbol of resistance and subversion of gender roles

LUCAS MATHEUS ARAUJO BICALHOⁱ  

LUÍS FERNANDO DE SOUZA ALVESⁱⁱ  

Resumo: A pesquisa analisa a personagem Maria Moura, explorando como sua trajetória literária desafia os papéis de gênero tradicionais e subverte normas patriarcais. Utilizando teorias feministas, investiga-se a maneira como Maria Moura se torna um símbolo de resistência, rompendo com as estruturas de poder impostas às mulheres. No romance *Memorial de Maria Moura*, escrito por Rachel de Queiroz, a personagem se apresenta como uma figura de força e poder, desafiando as normas patriarcais e revelando complexas questões de gênero, opressão e autonomia em contextos socioculturais adversos. A análise sustenta que, entre os séculos XIX e XX, a sociedade brasileira, de natureza patriarcal, buscava subjugar as mulheres, mas Maria Moura se destaca ao encarnar a luta ativa por autonomia e poder, contrastando com as formas mais passivas de resistência. Assim, sua história questiona os papéis impostos e provoca reflexões sobre igualdade, identidade e a constante busca pela afirmação do direito de as mulheres ocuparem espaços de liderança e poder.

Palavras-chave: Gênero; Literatura feminina; Resistência.

Resumen: La investigación analiza el personaje de Maria Moura, explorando cómo su trayectoria literaria desafía los roles tradicionales de género y subvierte las normas patriarcales. Utilizando teorías feministas, investiga cómo Maria Moura se convierte en un símbolo de resistencia, rompiendo con las estructuras de poder impuestas a las mujeres. En la novela *Memorial de Maria Moura*, escrita por Rachel de Queiroz, el personaje se presenta como una figura de fuerza y poder, desafiando las normas patriarcales y revelando complejas cuestiones de género, opresión y autonomía en contextos socioculturales adversos. El análisis sostiene que, entre los siglos XIX y XX, la sociedad brasileña, de naturaleza patriarcal, buscó subyugar a las mujeres, pero Maria Moura se destaca por encarnar la lucha activa por la autonomía y el poder, en contraste con las formas más pasivas de resistencia. De

ⁱ É mestrando no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Graduado (2023) em História - Licenciatura pela mesma instituição. Membro do Grupo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (GEHEF), vinculado ao Departamento de Educação Física e Desporto (DEFD) e ao PPGH, além de integrar o Centro de Memória do Esporte (CEMESP), ambos na UNIMONTES.

ⁱⁱ É mestrando em Arqueología de los paisajes culturales na Universidade de Jaén, na Espanha. Graduado em Teologia (2011) pelo Seminário Presbiteriano de Brasília e em História (2022) pela Universidade Estadual de Montes Claros. Mestre em Sociedade, Ambiente e Território (2024) pela Universidade Federal de Minas Gerais e em Teologia (2020) pelo Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper.

este modo, su historia cuestiona los roles impuestos y suscita reflexiones sobre la igualdad, la identidad y la búsqueda constante de la afirmación del derecho de las mujeres a ocupar espacios de liderazgo y poder.

Palabras clave: Género; Literatura feminina; Resistencia.

Abstract: The research analyzes the character Maria Moura, exploring how her literary trajectory challenges traditional gender roles and subverts patriarchal norms. Using feminist theories, it investigates how Maria Moura becomes a symbol of resistance, breaking with the power structures imposed on women. In the novel *Memorial de Maria Moura*, written by Rachel de Queiroz, the character presents herself as a figure of strength and power, challenging patriarchal norms and revealing complex issues of gender, oppression and autonomy in adverse sociocultural contexts. The analysis argues that between the 19th and 20th centuries, Brazilian society, which was patriarchal in nature, sought to subjugate women, but Maria Moura stands out by embodying the active struggle for autonomy and power, contrasting with the more passive forms of resistance. In this way, her story questions imposed roles and provokes reflections on equality, identity and the constant search for affirmation of women's right to occupy spaces of leadership and power.

Keywords: Gender; Feminine literature; Resistance.

Considerações iniciais

A história e a literatura são formas de interpretar o presente, reconstituir o passado e projetar o futuro. Para isso, utilizam estratégias retóricas que conferem vitalidade às narrativas, aos personagens e aos eventos que são construídos ao longo do enredo. Conforme a historiadora Sandra Pesavento (2004), ambas representam a realidade, as vivências e as experiências das ações humanas em um determinado contexto histórico, sempre direcionadas a um público específico: os (as) leitores(as). No entanto, a história se distingue por sua vinculação ao objeto de pesquisa, buscando assegurar a veracidade dos acontecimentos. É exatamente essa preocupação com a verdade que a diferencia da literatura, uma vez que seu compromisso primordial é com a precisão e a fidelidade aos fatos (Pesavento, 2004).

Nesse contexto, Borges (2010, p. 94) afirma que a História pode ser compreendida como “[...] processo social e como disciplina, e a literatura, como uma forma de expressão artística da sociedade possuidora de historicidade e como fonte documental para a produção do conhecimento histórico”. Assim, é possível perceber que a interação entre História e Literatura se configura de maneira a evidenciar como a literatura pode contribuir para a compreensão dos eventos de um período específico, funcionando, portanto, como uma fonte importante para a construção do saber histórico.

Embora a Literatura não reproduza de forma exata os fatos sociais, ela pode sinalizar aspectos do acontecimento que, muitas vezes, são ignorados pela História. Por meio de sua representação, ela desempenha o papel de revelar comportamentos negligenciados, dar visibilidade a voz de sujeitos(as) silenciados(as) ou apagados(as) e apresentar perspectivas

alternativas que, de algum modo, podem enriquecer o trabalho do(a) historiador(a), proporcionando uma visão mais ampla sobre determinado evento (Pesavento, 2006). Dessa forma, a Literatura se configura como uma fonte essencial para o(a) historiador(a), pois oferece acesso ao imaginário coletivo, revelando pistas e metáforas literárias impactantes que ampliam a compreensão histórica.

Nesse viés, Zelo Santos (2007) aborda que:

[...] tanto a narração literária quanto a historiográfica pressupõe um processo e estratégias de organização da realidade, uma procura de uma coerência imaginada baseada na descoberta de laços e nexos, de relações e conexões entre os dados fornecidos pelo passado. Essa coerência – imaginada, fictícia – depende, claro, parcialmente, dos próprios dados, mas também da plausibilidade de uma significação possível, imaginada pelo escritor/historiador de tal maneira que o leitor possa reconstruí-la (Santos, 2007, p. 6).

Consoante a isso, Sandra Pesavento (2006), ao abordar que tanto a História quanto a Literatura podem corresponder a “[...] narrativas explicativas do real que se renovam no tempo e no espaço, mas que são dotadas de um traço de permanência ancestral”, haja vista que os seres humanos “[...] desde sempre, expressaram pela linguagem o mundo do visto e do não visto, através das suas diferentes formas: a oralidade, a escrita, a imagem, a música” (Pesavento, 2006, p. 2). Nesse sentido, a literatura brasileira tem se configurado como um espaço de oportunidade para suscitar reflexões sobre desdobramentos relativos a poder, identidade e subjetividade. Personagens femininas têm sido retratadas a partir de variadas óticas, que incluem desde estereótipos de virtude e passividade até símbolos de resistência e transgressão (Lúcio *et al*, 2023). No entanto, a construção da mulher na literatura brasileira não se limita a um modelo único, uma vez que, ao longo do tempo, diferentes autores têm apresentado diferentes visões e, em muitos casos, subversivas do feminino. Diante desse panorama, esta pesquisa tem como objetivo analisar a personagem Maria Moura, da obra *Memorial de Maria Moura* (1992), de Rachel de Queiroz, considerando que essa figura não apenas desafiou os padrões tradicionais de sua época, mas também segue sendo um símbolo de resistência e autoridade para outras mulheres.

Esta análise busca explorar a transformação da personagem ao longo da narrativa, revelando-a como um símbolo de resistência, subversão e reconfiguração dos papéis tradicionais de gênero na sociedade brasileira. A escolha de Maria Moura como objeto de

estudo se justifica pelo fato de que, assim como tantas outras mulheres, ela se recusou a aceitar os papéis que lhe foram impostos em sua época. Ao agir dessa forma, Maria Moura encarna a transfiguração do feminino, rompendo expectativas sociais e desafiando as construções ideológicas sobre o que significa ser mulher em sociedades moldadas por normas patriarcais (Alves; Doria, 2012). Dessa maneira, a personagem se configura como um exemplo de contradição e enfrentamento dentro da lógica patriarcal, evidenciando os desafios enfrentados por todas as mulheres nesse contexto. Maria Moura representa, assim, uma figura feminina que ultrapassa as limitações dos papéis convencionais de esposa, mãe e dona de casa, recusando-se, sobretudo, a ocupar uma posição submissa.

Essa mulher manifesta formas de reação que, em certa medida, desafiam a estrutura social vigente. Sua trajetória oferece múltiplas possibilidades de reflexão sobre a representação do feminino na literatura brasileira. Assim, a problemática central deste estudo reside na compreensão de como essa personagem, inserida em um contexto histórico e sociocultural específico, consegue subverter e resistir aos papéis que lhe foram impostos. Além disso, busca-se investigar de que maneira a transfiguração do feminino é construída ao longo da narrativa de Maria Moura e qual o impacto de suas ações sobre diferentes leitores(as).

Outro ponto essencial desta análise é entender como a personagem se consolidou como um símbolo de resistência e subversão dentro de seu contexto. Para desenvolver essa discussão, este estudo se fundamenta na teoria feminista, com enfoque na vertente que investiga a construção da identidade feminina em contextos literários.

Dito isso, a análise consiste em como a personagem se relaciona com as categorias de gênero e como suas ações desafiam expectativas sociais e culturais do que seria feminilidade. Assim, no que se refere à transfiguração do feminino na literatura brasileira, julga-se necessária as discussões aqui apresentadas para o âmbito acadêmico, bem como para a reflexão social e cultural. Por exemplo, a personagem Maria Moura fornece representações literárias que dialogam com questões de gênero, poder e identidade, assuntos julgados pertinentes no Brasil contemporâneo, conhecido por ser marcado por desigualdades (Alves, 2024), sejam elas sociais, raciais e de gênero. Portanto, ao examinar ações e histórias dessa personagem a partir de temas como resistência e subversão, é possível compreender como a literatura pode atuar como veículo de crítica social, com potencial que ajude a questionar e desconstruir papéis tradicionais impostos as mulheres.

Percursos teóricos metodológicos: alguns caminhos percorridos

Ao realizar uma pesquisa, diversos caminhos se apresentam para alcançar uma resolução a um problema de estudo. Nesse sentido, o caminho representa o percurso metodológico que pesquisadores escolhem seguir para atingirem determinados objetivos. Assim, este estudo se caracteriza pelo caráter qualitativo, uma vez que há uma busca no sentido de “[...] gerar novos conhecimentos para o avanço da ciência” (Silva; Menezes, 2005, p. 20). O procedimento metodológico empregado na elaboração desta pesquisa consiste na revisão de livros, artigos de periódicos e outros documentos sobre o assunto proposto, com a finalidade de estabelecer conexões entre eles.

Primeiramente, realizamos uma busca sobre a literatura feminina, com foco em obras que abordam mulheres que, de alguma maneira, desafiam as normas sociais estabelecidas pelo patriarcado. A pesquisa científica foi conduzida entre os anos de 2020 e 2024, utilizando bases de dados renomadas, como SciELO, Google Acadêmico, LILACS e o Portal de Periódicos da CAPES. Para direcionar essa investigação, empregamos os seguintes descritores: “mulheres na literatura”, “literatura feminina”, “mulher transgressora”, “*Memorial de Maria Moura*” e “Rachel de Queiroz”. Além disso, selecionamos textos que analisam essas temáticas sob a ótica da Literatura e da História, com abordagens sobre gênero, bem como outros materiais relevantes que possibilitam um diálogo interdisciplinar sobre o tema (Gil, 2002).

Esse trajeto foi adotado para possibilitar reflexões a partir de questionamentos formulados no início da pesquisa, uma vez que, ao conceituar cada ponto e estabelecer suas interrelações, foi possível explicar e compreender o tema de maneira mais abrangente. Ao estabelecer conexões necessárias e compreender a transfiguração do feminino na literatura brasileira e o papel dessa personagem como símbolos de resistência e subversão de papéis tradicionalmente atribuídos a mulheres, o ponto de partida ocorreu a partir de abordagens de gênero na sociedade brasileira.

Para embasar as discussões desta pesquisa, tomamos como referência os estudos sobre gênero e feminismo de autoras reconhecidas, cujas contribuições permitem uma análise aprofundada das construções sociais e culturais que envolvem a relações de gênero. Assim, Joan Scott (2019) e Judith Butler (2003) exploram essa temática ao compreender o gênero como

um fenômeno historicamente constituído, moldado por contextos culturais e sociais, e, portanto, passível de questionamento, ressignificação e transformação ao longo do tempo. Além disso, os estudos de Constância Lima Duarte (2003) sobre literatura oferecem uma perspectiva essencial para compreender as representações femininas no universo literário, ampliando a reflexão sobre a forma como as narrativas constroem e problematizam a figura da mulher. Dessa maneira, a articulação dessas abordagens teóricas possibilita uma análise aprofundada das interseções entre História e Literatura, permitindo compreender os impactos dessas representações na sociedade.

Literatura feminina no Brasil: encontros e desencontros

Muitos anos após a publicação da influente obra *Um Teto Todo Seu* (1929), de Virginia Woolf, na qual a autora discute os desafios enfrentados por mulheres na produção literária devido às limitações sociais e materiais, permanece evidente a necessidade de “ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção” (Woolf, 2014, p. 12). Diante disso, torna-se fundamental questionar por que as mulheres ainda representam uma minoria na literatura brasileira, como aponta André Tardivo (2021).

Ele destaca que, embora em menor número, as mulheres produzem literatura. No entanto, é essencial compreender sobre o que escrevem e de que forma suas narrativas se relacionam com a representação feminina na literatura e a posição da mulher na sociedade contemporânea (Tardivo, 2021). Diversos pesquisadores e pesquisadoras dedicam-se ao estudo da produção literária feminina no Brasil, trazendo reflexões sobre a condição da mulher tanto na literatura quanto na sociedade. Nesse sentido, Neves (2013, p. 29) ressalta que “[...] as representações literárias sustentam a cultura dominante e/ou operam resistências ou práticas libertadoras”. Assim, mesmo com os avanços conquistados, as escritoras ainda enfrentam desafios para publicar suas obras na realidade atual do cenário brasileiro.

Para que as mulheres conseguissem produzir e publicar seus escritos, foi necessário enfrentar inúmeras batalhas ao longo da história, marcadas por intensas lutas por direitos e reconhecimento. Como destaca Francisco de Souza Gonçalves (2015), entre os séculos XIX e XX, diversos movimentos feministas emergiram com o propósito de garantir igualdade de oportunidades, sendo a busca por uma educação equitativa um dos pilares dessa reivindicação.

Nesse contexto, por volta de 1880, o silêncio imposto às mulheres na literatura europeia começou a ser rompido com a produção de autoras que desafiaram as normas sociais de sua época, como Jane Austen, as irmãs Brontë e Mary Shelley, cujas obras não apenas inseriram as mulheres no universo literário, mas também simbolizaram um ato de resistência contra as barreiras impostas pelo patriarcado. Dessa forma, ao transgredirem as limitações impostas às escritoras de seu tempo, essas autoras abriram caminhos para que outras mulheres pudessem se expressar e conquistar espaços dentro da literatura.

No Brasil, conforme a análise da feminista Constância Lima Duarte (2003), as mulheres enfrentaram uma longa exclusão do universo literário, um espaço historicamente reservado aos homens, que eram os responsáveis pela escrita, pela leitura e pela publicação. Somente em 1827, quase 300 anos depois, uma legislação permitiu que as mulheres tivessem acesso às escolas no país. Antes disso, enquanto os meninos da elite burguesa eram enviados para Lisboa para estudar, as meninas permaneciam em casa, aguardando o momento do casamento.

As primeiras mulheres a serem alfabetizadas logo se apropriaram da leitura e da escrita, e, principalmente, da crítica, iniciando a produção literária. Embora o número de mulheres no campo da escrita tenha sido reduzido, no século XVIII já era possível encontrar autoras publicando no Brasil, o que representava uma verdadeira inovação, considerando as condições de vida restritivas a que as mulheres estavam submetidas (Duarte, 2003). Quando as escritoras brasileiras começaram a escrever e a publicar, não cessaram mais sua produção, embora muitas tenham alcançado sucesso apenas durante suas vidas, caindo posteriormente no esquecimento. O desaparecimento de suas obras após a morte dessas autoras está frequentemente ligado ao corporativismo masculino, que contribui para o apagamento de suas memórias e legados (Maia, 2017).

Embora essa tenha sido uma realidade no passado, o cenário atual é bastante diferente. As mulheres conquistaram seu espaço em diversas áreas, o que é inegável refutar. É interessante notar que um traço marcante na literatura feminina é o fato de as autoras, em suas narrativas, incorporarem suas próprias vivências e experiências, criando personagens que refletem seu contexto social, histórico e cultural, conferindo às obras uma dimensão pessoal e autêntica, estreitamente conectada à realidade das escritoras (Duarte, 2003).

É lamentável que essas discussões surjam com frequência na literatura de autoria feminina, especialmente considerando a análise de Delcastagnè (2005, p. 33), que evidencia o perfil predominante do escritor brasileiro como um “homem, branco, aproximando-se ou já entrado na meia-idade, com diploma superior, morando no eixo Rio-São Paulo”. Diante desse cenário, a representação das mulheres na literatura, frequentemente construída a partir do olhar masculino, continua a reforçar concepções patriarcais que restringem identidades e limitam a atuação feminina no campo literário (Fernandes, 2022). Assim, torna-se essencial a presença de grupos historicamente marginalizados na narrativa brasileira, buscando legitimação e ocupação do espaço literário, promovendo, dessa forma, uma representatividade mais plural e equitativa.

Por essa razão, nesta pesquisa, destacamos a obra *Memorial de Maria Moura*, de Rachel de Queiroz, que se apresenta como um marcante exemplo de representatividade feminina na literatura, tanto por meio da autora quanto de sua personagem. Ao construir sua protagonista, Queiroz proporciona uma visão multifacetada das mulheres brasileiras, desafiando as representações restritivas e estereotipadas que frequentemente cercam o universo feminino. Assim, a obra transcende as limitações de uma narrativa tradicionalmente masculina, oferecendo uma nova perspectiva sobre a força, a complexidade e a autonomia das mulheres, reafirmando a relevância de suas vozes na literatura e na sociedade.

Mulheres e resistências no Brasil: desafiando o patriarcado

Antes de adentrar em discussões sobre papel da personagem Maria Moura, faz-se necessário contextualizar a história dessa mulher na conjuntura social brasileira do século XIX, período este marcado por prevalência de modelos rurais e vigência de uma sociedade escravocrata. Posteriormente, situam-se as mulheres no contexto do século XX, com a transição do Brasil de uma monarquia imperial a uma república. Tal abordagem tem o propósito de proporcionar uma compreensão ampla de desdobramentos e preconceitos que permeavam o papel da mulher na sociedade brasileira de meados do século XIX e início do século XX. Dessa forma, apreendem-se nuances que influenciaram as trajetórias dessas personagens, inseridas em contextos de transformações sociais e políticas.

Pesquisadores como Michel Foucault (1998), Thomas Laqueur (2001) e Judith Butler (2003) discutem como vidas de homens e mulheres estão em diferentes sintonias em diferentes momentos da história, bem como quando se consideram discursos, imagens e práticas sociais (Carvalhaes, 2015). À vista disso, quanto a produções sobre questões de gênero, é possível observar que, durante o século XIX, recrudesceram, tanto na Europa quanto nas Américas, discursos que limitaram mulheres, associando-as a atributos como passividade, sensibilidade e reprodução. O masculino, por sua vez, era ligado à virilidade, racionalidade e prazer. Dessa maneira, por meio de discurso patriarcais ativos e subjetivos, características foram atribuídas a corpos, identificados e separados pelas categorias masculino e feminino.

Com essa abordagem, mulheres foram delegadas a serem responsáveis pela educação de filhos e cuidados familiares, consideradas como aquelas que deveriam criar crianças para as batalhas e proteger o país. Mulheres que não se submetesse a esse enquadramento imposto, especialmente no que concerne à maternidade, estariam cometendo um crime imperdoável (Badinter, 1985). Homens, serem considerados viris e inteligentes, tinham o papel de administrar a vida pública, em virtude de suas qualidades biológicas julgadas adequadas à economia e política, diferente de mulheres, destinadas à vida privada, ou seja, deveriam exercer a função de esposa, mãe e dona de casa (Laqueur, 2001; Rago, 2014).

A partir do processo de construção de mulher e mãe ideal, o médico da família, por exemplo, desempenhava um papel importante, porque, por meio de visitas domiciliares, prescrevia ações adequadas para a família, isto é, que a mulher da casa deve ser uma boa mãe e esposa (Costa, 1989; Carvalhaes, 2015). As que seguiam condutas de esposa, mãe, passiva e dona de casa possuíam lugar de privilégio dentro do ideal de mulher branca e burguesa do final do século XIX e início do XX. Contudo, aquelas que, por algum motivo, não tivessem filhos eram julgadas como fora do padrão, anormais ou exceções no universo feminino do sistema patriarcal.

Em *Mulheres Pobres e a Violência no Brasil Urbano* (2022), Rachel Soihet analisa condições sociais de mulheres no Brasil urbano, enfatizando como o contexto histórico e social influenciou a construção do papel feminino na sociedade. Segundo ela, durante o período da Belle Époque (1890 – 1929), uma fase marcada pela intensificação das transformações sociais e ascensão de uma ordem burguesa, mulheres foram alvo de pressões crescentes, especialmente no que diz respeito a expectativas sobre seu comportamento pessoal e familiar. A sociedade

patriarcal da época exigia que mulheres se conformassem a um modelo rígido. Nele, a figura ideal era a da mulher que atendia a padrões como esposa, dona de casa e mãe (Soihet, 2022; Rago, 2014).

A imposição de um papel limitado sobre mulheres reflete o que Margareth Rago (2014) descreve em sua obra *Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista*, a saber, que, ao longo do tempo, Estado e instituições sociais buscam moralizar e domesticar mulheres, restringindo-as ao espaço doméstico (privado) e à maternidade, sendo essas formas de garantir a manutenção de uma ordem patriarcal e burguesa. Uma diminuição no número de filhos por casamento, nas duas primeiras décadas do século XX, se deveu, em grande parte, à divulgação de técnicas contraceptivas, como coito interrompido, aborto, diafragma e preservativo masculino (Carvalhoes, 2015).

Apesar dessa redução, aumentaram as exigências para que mulheres se dedicassem ainda mais à educação dos filhos. Nesse contexto, foram difundidas normativas científicas sobre como ser uma boa mãe e esposa. Expectativas em matéria de saúde e bem-estar excederam as de gerações anteriores, e as donas de casa encaravam a sério a oportunidade de melhorar a saúde e segurança de suas famílias, porque, à sua volta, especialistas de economia doméstica e publicitários proclamavam que se uma dona de casa cuidasse convenientemente do seu lar, ela contribuiria para o conforto, ajustamento e eficiência de seus entes queridos (Scott, 2019).

Mesmo com a redução no número de filhos, mulheres ainda sofreram com pressões sociais no sentido de serem boas cuidadoras da família, educando e alimentando, assim como uma esposa ideal e excelente dona de casa. Sua vida deveria ser para as crianças, para o marido e para a vida no lar. Assim, esse fenômeno pode ser entendido dentro do contexto da sociedade patriarcal da época, que, embora permitisse certo controle da natalidade, reforçava normas de gênero tradicionais. As mulheres eram pressionadas a serem mães e a se dedicarem com afinco à educação dos filhos e à administração da casa. Essas questões eram reforçadas por meio de um discurso considerado padrão científico de maternidade e esposa ideal. Soihet (2022) e Rago (2014) destacam a forma como a sociedade brasileira, em fins do século XIX e início do XX, injetou um modelo de mulher submissa em normas familiares e sociais, muitas vezes à custa de sua autonomia e liberdade.

No período da Belle Époque (1871-1914), portanto, observa-se que a cultura patriarcal impunha subordinação de mulheres ao espaço da vida privada, afastando-as de assuntos

considerados como pertencentes à esfera pública. Nesse sistema masculino, o universo público era destinado a homens, enquanto mulheres eram confinadas ao domínio doméstico e à maternidade. Havendo ciência dessas questões, passa-se por meio da literatura escrita por Rachel de Queiroz que ao mostrar como sua personagem Maria Moura, desafia a ordem estabelecida pelo sistema patriarcal. Com sua autoridade e resistência, ela rompe com as expectativas sociais que as limitavam a papéis predefinidos, trazendo à tona novas possibilidades de resistência e autonomia feminina.

Maria Moura: força, poder e resistência

Os escritos da jornalista nordestina Rachel de Queiroz formam um conjunto relativamente pequeno de trabalhos conectados. No que se refere aos livros voltados para o público adulto – excluindo, portanto, suas obras infanto-juvenis –, a autora publicou seis romances ao longo de seis décadas, além de duas peças de teatro e uma vasta coletânea de crônicas, muitas das quais foram divulgadas na imprensa brasileira e, em parte, reunidas em livros (Silva, 2022). Em diversas entrevistas, Rachel de Queiroz demonstrou uma postura crítica em relação à sua própria produção literária. Em depoimento a João Cabral de Melo Neto, afirmou que jamais utilizou o termo “obra” para se referir ao conjunto de seus escritos. Para ela, tratava-se apenas de “livrinhos” postos em circulação, desprovidos de qualquer grande qualidade artística (Silva, 2022).

Segundo seu próprio depoimento, Rachel de Queiroz se via, acima de tudo, como uma jornalista de profissão. No entanto, entre *O Quinze* – obra que marcou sua entrada no mundo literário – e *Memorial de Maria Moura*, percebe-se uma continuidade temática, especialmente no que diz respeito à abordagem de certas resistências (Silva, 2022). Dessa forma, algumas ideias presentes em seus primeiros escritos aparecem de maneira incipiente e ressurgem com mais clareza e profundidade em trabalhos posteriores.

Adentrar o universo ficcional de Rachel de Queiroz é imergir em uma realidade única, com exceção de *O Galo de Ouro*, romance cuja trama se desenrola dentro de uma cadeia pública. De modo geral, suas narrativas se passam no sertão cearense, cenário por onde transitam todos(as) os(as) protagonistas e onde se desenrolam os dramas e conflitos vivenciados. Esse espaço rural, recorrente em sua obra, frequentemente coloca o feminino no

centro das temáticas, dando visibilidade a personagens que emergem como representações autênticas do povo nordestino.

Essa característica da escrita de Rachel Queiroz reflete sua profunda identificação com sua terra natal, o Ceará. A autora demonstra constantemente que escreve a partir de suas vivências, experiências, afetos e sentimentos ligados ao sertão cearense. É por meio dessa conexão com o povo, com a terra e, sobretudo, com as memórias extraídas desse lugar de pertencimento que Queiroz constrói seus romances. Com uma estilística marcada pela simplicidade, sua escrita se torna um poderoso instrumento de voz para sujeitos(as) historicamente marginalizados.

Tendo em vista as complexas relações afetivas, morais e sociais que se entrelaçam no tecido da sociedade brasileira, *Memorial de Maria Moura*, de 1992, é a obra com a qual Rachel de Queiroz, aos 82 anos, se despede da literatura brasileira. A obra se desdobra em duas partes, a primeira acompanhando a jornada de Maria Moura, acompanhada de seus primos Tonho e Irineu, enquanto, na segunda, o foco recai sobre o padre José Maria (Beato Romano) e o casal Marialva e Valentim, com o filho Alexandre, carinhosamente apelidado de Xandó. A beleza dessa narrativa está em sua estrutura, conduzida por três vozes distintas, resultando em um discurso polifônico que quebra a linearidade do romance, tornando a história mais vibrante e misteriosa. Cada capítulo remete a folhetins do século XIX, dando uma sensação de dinamismo que prende leitores(as) do começo ao fim (Silva, 2022). Os personagens, com seus nomes singulares, ganham vida de maneira quase tangível durante o século XIX no sertão nordestino, um cenário marcado pela seca, pela violência e pela luta por terra.

Conforme argumentam Cristiam da Silva Alves e Silvana Faria Doria (2012), a personagem Maria Moura foi inspirada em duas figuras históricas. A primeira, Elizabeth I, rainha da Inglaterra e Dinamarca, filha de Henrique VIII e Ana Bolena. A segunda, Maria de Oliveira, uma mulher pernambucana do século XVII, que, juntamente com um grupo de chamadas cabras, realizou saques a fazendas, como forma de sobrevivência durante a seca de 1602. Embora essas mulheres pertencessem a contextos temporais e espaciais distintos, ambas compartilham características comuns, pois são símbolos de superação, força e resistência diante de adversidades que enfrentaram (Alves; Doria, 2012).

Na trajetória de Maria Moura, adversidades marcaram sua vida. Ainda criança, perdeu o pai e, em seguida, a mãe. A narrativa não esclarece se a mãe cometeu suicídio ou se foi morta

pelo companheiro, Liberato. Maria foi seduzida e ameaçada por seu padrasto, além de atacada, repetidamente, por primos, que se consideravam proprietários das terras do Limoeiro, local onde nasceu e foi criada (Silva, 2022). A partir dessas experiências, ela se tornou uma mulher resistente a desejos e expectativas do universo masculino, desafiando o delegado, primos, padrasto e homens que, de alguma forma, tentavam agredi-la e subjugar-la.

Nesse contexto social, considerado machista e patriarcal, onde as mulheres, como afirma Tonho, só servem para dar “faniquinho”, está Maria Moura, que demonstra aos leitores que, no Brasil rural do século XIX, é possível lutar e resistir. Sua frase, “Pra ninguém mais querer botar o pé no meu pescoço; ou me enforcar num armador de rede” (Queiroz, 2003, p. 89), expressa sua determinação em se impor e conquistar a liberdade. Nesse sentido, o desejo da personagem não é apenas de força, mas de autoridade, que, aos poucos, passa a ser reconhecida pela sociedade. Maria percebe que o dinheiro lhe proporciona segurança, permitindo-lhe adquirir o que desejar, como uma igreja, um palácio “igual ao das figuras de livros” ou uma grande “boiada de carneiros e cavalos de raça” (Queiroz, 2003, p. 192).

Ao proferir essas palavras, ela desafia as estruturas de poder de uma sociedade patriarcal, ao mesmo tempo em que começa a perceber o papel crucial do dinheiro como um mecanismo de poder e liberdade. Com isso, a personagem se dá conta de que a riqueza lhe permite conquistar status, respeito, autoridade, segurança e, sobretudo, independência. A partir desse entendimento, Moura passa a redefinir sua identidade, não como uma mulher que deseja permanecer na solidão, sem um parceiro, mas como alguém que não aceita ser submissa. Essa mulher desafia limites impostos pelo sistema, que define o papel da mulher de forma restrita e submissa (Saffiotti, 2015). No livro, ela é inicialmente moldada por convenções de gênero da época, que a colocam na posição de subordinação, mas ao decorrer da obra esse papel é modelado a um novo padrão, em que ela não subverte ao papel de mulher frágil e passiva.

Esse estigma, à luz da abordagem de Butler (2003), pode ser entendido como uma expectativa normativa de gênero que restringe o comportamento de mulheres e impede sua autonomia para performar seu gênero de maneira livre e autêntica. Em Maria Moura, essa restrição se manifesta no papel socialmente tradicional imposto às mulheres no sertão, onde se esperava delas a submissão, fragilidade e, principalmente a dependência masculina. No entanto, ao desafiar as normas, a personagem subverte a performance de gênero esperada o feminino e

evidência que o gênero não é fixo, mas um conjunto de atos e comportamentos historicamente construídos (Butler, 2003; Scott, 2019)

Logo, ao adotar um estilo de vestimenta adequado ao contexto em que se insere e agir de maneira assertiva e estratégica, Maria Moura rompe com as normas rígidas do binarismo de gênero e questiona a naturalização do patriarcado no que tange à feminilidade. Conforme Butler (2003), o gênero é uma performance repetitiva, e a personagem ressignifica essa performance ao incorporar características vistas como masculinas, sem, contudo, abdicar de sua identidade feminina. Dessa forma, a personagem ilustra como a normatividade de gênero pode ser desafiada na prática, abrindo caminho para novas formas de existir e ocupar espaços historicamente negados às mulheres.

Nessa mesma premissa, a historiadora feminista Joan Scott (2019), aborda sobre a necessidade de reconstruir o gênero como uma categoria analítica, superando a abordagem descritiva dos estudos feministas, pode ser diretamente relacionada à personagem Maria Moura. A historiadora defende a ideia de que o poder, ao ser compreendido como “a multiplicidade de correlações de força” (Scott, 2019, p. 71), deixa de ser uma estrutura fixa e naturalizada, como tradicionalmente concebido, e passa a ser entendido como algo disperso, presente em todos os espaços e relações, sem ser algo que se conquista ou se recebe.

Maria Moura, ao ocupar uma posição de liderança em um grupo de jagunços, desafia essas dinâmicas tradicionais de poder, não apenas questionando a autoridade masculina, mas também se apropriando de uma posição de força, agindo de maneira estratégica e autoritária. Ela não se vê como uma simples receptora de poder, mas como alguém capaz de agir sobre ele, subvertendo as normas estabelecidas. Nesse contexto, a personagem encarna a ideia de que o poder “faz” e “produz sujeitos e comportamentos” (Scott, 2019), uma vez que sua presença e suas ações, ao quebrar as expectativas de gênero, redefinem as relações de força dentro do universo onde ela está inserida.

A personagem é construída a partir da imagem de uma mulher forte, autoritária, imponente e fria, como se fosse uma verdadeira lenda que representa resistência e determinação. No entanto, ao longo da narrativa, a autora revela a complexidade dessa mulher, mostrando que, por trás dessa fachada, Maria se sente profundamente solitária. Como ela mesma expressa, “Mão de homem, braço de homem, boca de homem, corpo de homem” (Queiroz, 2003, p. 366). A solidão e o anseio por companhia conduzem Maria Moura a se

envolver com seu primo Duarte, um homem profundamente marcado pela dor da traição. Em um momento de fragilidade, ela acaba traíndo Duarte com Cirino, que, mais tarde, lhe dá a cruel “facada” da traição, ao também a trair. A relação entre Maria Moura e Duarte, assim, não é apenas uma busca por afeto e companheirismo, mas o entrelaçar de duas almas feridas, carregadas de dor e abandono. É um encontro marcado pela fragilidade emocional, onde cada um, à sua maneira, tenta se reconstruir, mas acaba repetindo os mesmos erros.

A traição de Cirino provoca em Maria Moura um intenso sentimento de raiva, uma sensação de violação e humilhação. Ela se vê desrespeitada, não apenas pela traição em si, mas pelo fato de ter permitido que ele entrasse em seu quarto, invadindo seu espaço íntimo e se apossando de seu corpo. Essa transgressão, para Maria, representa o maior golpe que ela sofre ao longo da narrativa, um ataque direto à sua dignidade e autonomia. Movida pela ira e por forte desejo de vingança, ela se sente impelida a tomar uma atitude em relação a Cirino, como uma forma de restaurar seu poder e honra. A raiva que a consome a impulsiona a buscar justiça, não mais pela razão, mas pela necessidade de reafirmar seu controle sobre sua vida e corpo, em um ato que transcende a simples retribuição. Trata-se de um movimento de defesa pessoal e de reafirmação da sua força frente à humilhação imposta:

Eu tenho é que dar um castigo completo, pra todo mundo ficar sabendo, no sertão: que ninguém trai Maria Moura sem pagar depois. E pagar caro. E nesse momento enfrentei pela primeira vez o pior: ele tem que pagar com a vida. De novo me vejo na situação que começou com a morte de Liberato: ou é ele ou sou eu. E se eu não aguentar, paciência; se o sangue pisado aqui dentro me matar envenenada- pois bem! Eu morro! Vou morrer um dia, afinal. Todo mundo morre. Mas quero morrer na minha grandeza (Queiroz, 2003, p. 429).

Nessa cena, Maria Moura revela o peso do castigo que impôs a Cirino, um ato que não foi nada fácil para ela. Ao refletir sobre sua trajetória, lembra das batalhas que nem seu pai, nem seu avô conseguiram vencer, isto é, recuperar a Terra dos Padres, construir a Casa Forte e se tornar a rainha das terras que comandava. Castigar Cirino era como destruir a si mesma, uma luta interna cruel, mas ela desejava morrer com a grandeza que conquistara, mesmo que isso exigisse sacrifícios profundos. A paixão que sentia era tão intensa que lhe fazia tremer, e foi apenas o apoio da arma de fogo em suas mãos que deu firmeza ao seu gesto. Sem aquela arma, talvez Maria Moura tivesse fraquejado diante da morte de Cirino.

Nessa cena do livro, Rachel de Queiroz revela que a relação de Maria Moura com seu pai é um tema frequentemente revisitado pela personagem. Filha única, Maria Moura perdeu o pai ainda na infância, e ele, enquanto vivo, lamentava constantemente por não ter um filho que pudesse dar continuidade ao legado familiar e ao projeto de retomar a Terra dos Padres. Diante disso, uma das grandes batalhas enfrentadas por Maria Moura foi a conquista dessa terra, com o objetivo de governá-la por conta própria. Durante essa jornada, ela encontrou muitos obstáculos, sendo que a condição de mulher potencializou ainda mais as dificuldades. Para impor respeito aos homens e desafiar as expectativas que limitavam sua autoridade, Maria Moura optou por se travestir de homem, cortando os cabelos e utilizando as antigas vestes de seu pai. Toma-se a exemplo parte da obra:

Eram velhas mesmo, aquelas minhas calças. Herança de Pai, que eu nunca deixei que mãe desse a Liberato. Ela bem que tentou, mas eu fiz um escândalo, me agarrei com a roupa de Pai, saí baú. E nesse tempo eu não tinha a ideia de usar aquelas roupas, era só pela relíquia que queria guardar e, naturalmente, para não ver o Liberato se pavoneando com a roupa de pai. Já bastava o que ele tinha. Mas agora eu sentia um gosto especial em enfiar as calças pelas pernas, apertar no cós o confiarão (também dele), arregaçar as mangas da camisa, comprida demais para os meus braços (Queiroz, 2003, p. 307).

No campo do gênero, para Joan Scott (2019), isso está intrinsecamente relacionado à construção e à reprodução das relações de poder. Assim, ao tomar o poder em suas mãos, a personagem não apenas se insere em um sistema masculino de violência e dominação, mas, também, o questiona, utilizando-o para afirmar sua própria autoridade e autonomia enquanto mulher. Nesse contexto, a garrucha simboliza a virilidade tradicionalmente associada a homens e a capacidade de Maria Moura de transitar por um ambiente de masculinidade e poder, fazendo uso de elementos que legitimam sua posição na sociedade. O uso da arma como meio para alcançar seus objetivos não se limita apenas a uma questão de fragilidade afetiva ou poder pessoal, como sugere Elódia Xavier (1998), porque também representa uma forma de a personagem se apropriar de objetos historicamente associados ao domínio masculino.

Enquanto, ao se vestir como homem e adotar as vestes de seu pai, Maria Moura ressignifica sua própria identidade, subvertendo as normas de feminilidade impostas pela sociedade. Ela não nega sua identidade feminina, mas a reconfigura de forma que a capacite a desafiar as estruturas patriarcais e exercer poder em um mundo dominado por homens. A decisão de Maria Moura de se travestir de homem, portanto, pode ser vista como uma

performance de resistência, uma ação que questiona as normas de gênero e redefine o que é possível dentro dos limites impostos pela sociedade (Butler, 2003; Scott, 2019).

Portanto, tanto Rachel de Queiroz, a escritora, quanto Maria Moura, a personagem, compartilham uma certeza comum: a inevitabilidade da morte. Ao longo de diversas lutas e batalhas, ambas, criadora e criação, demonstram a consciência de que a morte é uma realidade inescapável. Dessa forma, a obra revela que Rachel de Queiroz se inscreve na força de cada mulher que se recusa a aceitar traições e subjugações impostas por domínios masculinos.

Considerações finais

O final do século XIX e início do século XX foram, no Brasil, períodos de intensas e rápidas transformações nos âmbitos social, cultural e político, cujas repercussões se refletiram em condições de vida e experiências de mulheres, especialmente as marginalizadas pela sociedade. Exemplos disso é a personagem Maria Moura, de *Memorial de Maria Moura*. Naquela época, mulheres eram frequentemente moldadas e retratadas segundo preceitos de um sistema patriarcal, o qual limitava suas ações e identidades, restringindo-as ao espaço privado e a papéis como mães e esposas. Embora essas expectativas sociais tenham sido amplamente aceitas e reforçadas nas normas culturais de sociedades urbanas e rurais, as mulheres começaram, aos poucos, a questionarem e desafiar essas imposições. Tal resistência, embora se manifestasse de diferentes formas, pode ser observada na trajetória Maria Moura, cujas história ilustra as diferentes maneiras de romper com convenções de sua época.

Maria Moura, em *Memorial de Maria Moura* surge como exemplo de resistência ativa contra o sistema patriarcal. Ao desafiar normas que delimitam seu corpo e comportamentos, ela constrói sua identidade por meio de uma busca constante por poder, autoridade, independência e controle sobre sua vida e corpo. Ela não se limita a questionar estereótipos de gênero. Ela também desafia o sistema social e político que a oprime. Seu caminho é marcado por superações de traumas e pela luta pelo poder, refletindo a força de uma mulher que não se conforma com o destino que lhe é imposto. No decorrer da trama, Maria se reinventa continuamente, garantindo sua liberdade em um universo dominado por normas masculinas.

Portanto, análise de Maria Moura revela que, apesar das dificuldades impostas pela sociedade patriarcal do século XIX, ela se configura como uma poderosa forma de resistência

feminina, desafiando as restrições de um contexto social profundamente opressor. A sociedade brasileira, tanto no século XIX quanto no início do XX, foi caracterizada por um processo sistemático de domesticação e disciplinamento das mulheres, confinando-as ao espaço privado e à função limitada de cuidadoras, o que restringia sua autonomia e participação ativa no espaço público. Assim, a trajetória de Maria Moura emerge como uma poderosa subversão desses papéis impostos, evidenciando que, mesmo em um ambiente tão opressor, é possível resistir e lutar por autonomia.

Referências

ALVES, Cristiam S.; DORIA, Silvana Faria. A transfiguração do feminino em Memorial de Maria Moura. **VI COLÓQUIO INTERNACIONAL “EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE”**. São Cristóvão, setembro de 2012. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10176/5/4.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2024.

ALVES, Luís F. S. **“Posseiro bom é posseiro morto”**: coronel Georgino e o conflito agrário de Cachoeirinha no Norte de Minas Gerais. 2024. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Ambiente e Território) – Faculdade de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Minas Gerais, Montes Claros, 2024.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BORGES, Valdeci R. História e Literatura: Algumas Considerações. **Revista de Teoria da História**, Ano 1, n. 3, junho/ 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHAES, Flávia F. **Mulheres no crime**: deslizamento de fronteiras, Florianópolis. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

COSTA, Jurandir F. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Editora Horizonte. 2012.

DÓRIA, Carlos A. **O cangaço**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

DUARTE, Constância L. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 151–172, set. 2003.

FERNANDES, Mônica A. **A mulher na literatura afro-brasileira: Maréia**, por Miriam Aparecida Alves. 2022. 142 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2022.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. v. 1.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Francisco S. A "autor + a" segundo Norma Telles: pensando a literatura produzida por mulheres no entresséculo XIX-XX. **Revista XIX**, n. 2, p. 33–44, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaXIX/article/view/21404>. Acesso em: 5 fev. 2025.

LAQUEUR, Thomas. W. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

LÚCIO, Drielly N. *et al.* Literatura de autoria feminina: as travessias para existir e resistir. **Revista Foco**, v. 16, n. 5, p. 1-14, 2023. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/1825>. Acesso em: 6 dez. 2024.

MAIA, Cláudia J. Feminismo e narrativa nacional no Brasil e em Portugal. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, n. 3, p. 1055–1071, set. 2017.

NEVES, Lígia de A. **Mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira: perspectivas de rupturas e continuidades**. 2013. 101 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história, **Nuevo Mundo, Mundos Nuevos**, Debates, 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>.

QUEIROZ, Rachel de. **Memorial de Maria Moura**. 18. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista**. São Paulo: Paz & Terra, 2014.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SANTOS, Zeloí Aparecida Martins dos. História e Literatura: uma relação possível. **Revista Científica**, Curitiba, ano II, v.2, jan-dez/2007.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise. In: HOLLANDA, Heloísa B. (Org.). **Pensamento feminista conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SILVA, Daniela Macedo da. **Perfis femininos em Memorial de Maria Moura: a modernidade entre mitos**. 2022. 95 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2022.

SILVA, Edna L.; MENEZES, Estera M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, Mary del; BASSANEZI, Carla (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2022. p. 362-400.

TARDIVO, André E. **Mulheres "Com armas sonolentas": a (des)construção da maternidade em Carola Saavedra**. 2021. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2021.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

XAVIER, Elódia. **Declínio do patriarcado: a família no imaginário brasileiro**. Rio de Janeiro: Record, 1998.